

Preservação da história pública do Pará

Conversar com Ribamar Castro era como conhecer de perto a história do Pará através dos atos de seus governantes. Pesquisador nato, ele deixou registrado, em três livros lançados pela IOE, o resultado desse talento. Intitulado Atos dos Governadores, os livros retratam a trajetória dos chefes do Executivo desde 1889 a 1947. E trabalhou incansavelmente no conteúdo de mais três edições ainda não editadas. Dizia que representavam suas contribuições para a memória do Estado.

Em 2011, quando o Diário Oficial completou 120 anos, Ribamar foi homenageado pela Imprensa, como uma forma de reconhecimento pela sua trajetória e luta incansável pela preservação do legado que “as atuais e próximas gerações deveriam conhecer”, segundo ele. Aos colegas de trabalho, sempre se referia a essa necessidade de não deixar o tempo apagar os registros oficiais dessa história.

Ribamar Castro acreditava que o trabalho, feito com muita dedicação, serviria para a posteridade, como base para pesquisadores e historiadores, quando o assunto fosse a história do Pará. “Estou preservando a administração pública do nosso Estado. Será uma fonte fidedigna”, orgulhava-se. Para ele, a coletânea de leis, decretos e outros atos registrados nos livros de sua autoria tinham como objetivo servir de base para consultas, até

mesmo para outros pesquisadores, pois contêm as publicações que interferiram na vida da sociedade paraense.

Outra preocupação também constante era com a salvaguarda dos tipos (letras) em madeira, cujos modelos do final do Século XIX fazem parte, até hoje, do acervo da Imprensa Oficial do Estado e que foram utilizados na montagem do DOE naquela época. Ou seja, Ribamar Castro estava atento a toda e qualquer referência material que representasse mais um capítulo da trajetória de mais de cem anos da IOE.

Com a perda de Ribamar, a Imprensa Oficial do Estado deixa registrada, nesta edição, parte da história desse homem que se preocupou, dia após dia, em contar a História no Diário Oficial.

O que ficará na memória

Para o presidente da Imprensa Oficial do Estado, Luís Cláudio Rocha, a autarquia perde não apenas um colaborador e fiel servidor, mas, especialmente, um ser humano admirável que carregava consigo o respeito, a dedicação e a crença de que a história de um Estado é também a história de seus governantes.

Na opinião de Carmen Palheta, diretora do DOE, “ficará a imagem do profissional incomparável e homem com a dignidade de poucos, que guardava no coração a amizade verdadeira e, em um lugar mais que especial, a própria Imprensa Oficial”.



RIBAMAR DURANTE HOMENAGEM DA IOE

“Nós tínhamos algumas divergências de opiniões, mas tudo com muito respeito, pois éramos amigos e comparilhávamos de duas paixões: o clube Fluminense e a cidade do Rio de Janeiro”, citou o servidor Reynaldo Magalhães.

Robson Keller, gerente do DOE e servidor que há vinte anos trabalhava com Ribamar, comenta que “não há pa-

lavras para registrar tal perda”. Para ele, muitas vezes, Ribamar era como um pai.

E lá fora da Imprensa Oficial também era possível encontrar o “Riba”, com passos apressados, andando pelos corredores do Centur e carregando nos braços várias edições antigas do Diário, na busca incansável pelo aperfeiçoamento da sua pesquisa.

